

A pesquisa psicanalítica: a arte de lidar com o paradoxo

Alfredo Naffah Neto¹

Elisa Maria de Ulhoa Cintra²

Resumo: Este artigo consiste em uma discussão sobre a relação interna que existe entre pesquisa e psicanálise. Descreve duas modalidades de pesquisa psicanalítica: a pesquisa-escuta, pesquisa clínica por excelência, e a pesquisa-investigação, que se debruça sobre problemas teóricos e/ou metodológicos psicanalíticos. Descreve ainda um terceiro tipo de pesquisa, que é aquela que tem a psicanálise como tema, sem ser propriamente uma pesquisa psicanalítica. Em seguida, procura caracterizar as duas primeiras modalidades de pesquisa em sua relação dialética. Por fim, discute as dificuldades inerentes a ambas.

Palavras-chave: pesquisa-escuta, pesquisa-investigação, problemas de pesquisa, metodologia psicanalítica.

Em Tebas ou em Minas, o caminho tende a se confundir com o traçado
da existência, e o obstáculo, com a nossa persistente cegueira.

(Arrigucci, 2002)

Psicanalisar

Quando Freud criou a psicanálise ele pretendia que ela fosse uma ciência da observação empírica – fenômenos como a sexualidade e sua expressão polimórfica infantil sendo contidos por um mecanismo de defesa – o recalque, o objetivo da pesquisa clínica seria o gradual conhecimento do recalcado pelo levantamento do recalque e o gradual acesso a uma verdade do desejo inconsciente por meio do trabalho da interpretação. Muito cedo, Freud e os demais analistas descobriram que alguns pacientes não avançavam nada pelas interpretações e, ao contrário disso, apresentavam colossais resistências a qualquer interpretação. Desde 1914, em “Recordar, repetir, elaborar”, Freud se viu compelido a pensar melhor o fenômeno inesperado da resistência às interpretações. Uma das conclusões a que se chega é que o desejo

1 Psicanalista. Professor Titular da PUC-SP, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, autor de vários artigos e livros sobre psicanálise e música, principalmente

2 Psicanalista, professora da graduação da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, autora de vários artigos e livros.

de *não saber* pode ser maior que a possibilidade de descobrir aquilo que em nós é diferente do que gostaríamos de ser.

As análises dos pacientes difíceis mostraram que a teoria e a prática precisavam ser repensadas. Hoje em dia muitos se dedicam a pesquisar e repensar as teorias vigentes a partir dos limites encontrados em sua própria prática. Eles investigam também as noções de ciência, implícitas em cada uma das *démarches* de Freud e seus muitos seguidores.

Neste artigo, começamos com a análise de um poema de Carlos Drummond de Andrade. Por que um poema? Nesse poema Drummond fala da situação de impasse que o artista vive ao criar. Não faremos uma análise literária do mesmo, mas usando de nossa sensibilidade de psicanalistas e apoiados na análise de um crítico literário (Arrigucci, 2002), queremos introduzir o leitor à situação vivida por quem faz pesquisa – clínica, metapsicológica e epistemológica – em psicanálise, seja no consultório, seja na universidade, tendo como referência a situação do artista que busca passagem através do que se mostra impossível, impassável.

Na companhia de um paciente que nos fala de seu sofrimento incessante e interminável e também diante da profusão de linhas teóricas que surgiram a partir de Freud, encontramos ora diante de um excesso de sentidos paradoxais e inconciliáveis, ora mergulhados em uma falta de sentido opaca, um vazio, uma ausência de nexos com a qual temos que nos enfrentar. O que fazer, quando nos encontramos em um lugar fechado ao sentir e ao sentido? Será preciso encontrar, como Drummond a “metamorfose do inseto em flor-poema” (ver o poema de Drummond nas páginas 35 e 36).

O poeta encontra-se como o pesquisador em psicanálise diante do impasse: uma pedra no meio do caminho, nada floresce, o sentido se fecha e o circuito monótono da repetição da mesma perspectiva se mantém intacta.

A importância desse poema de Drummond é nos introduzir no universo metafórico onde se move o “ser psíquico” e a pesquisa em psicanálise. Quando o acesso a um universo metafórico não pôde instalar-se plenamente, ou começa a instalar-se através do trabalho analítico, a pessoa encontra-se habitada por fantasias a respeito de si e dos outros que se traduzem em significados e crenças fixas e autoritárias ou vive uma dificuldade de atribuir sentido à sua vida. Estamos aqui pensando no adoecimento psíquico como um estrangulamento da capacidade metafórica ou capacidade de simbolização. Isso corresponde a uma compulsão a fixar-se sempre em um mesmo tipo de interpretação do que se passa consigo e da impossibilidade de acesso a um sentido genuíno que possa ser dado às suas experiências. Essa pessoa fica impedida de brincar, pensar, trabalhar e relacionar-se. Quando entra em análise é difícil livre associar. Seu psiquismo se fecha em torno de angústias inomináveis e/ou certezas absolutas. A restauração da capacidade de sentir e de pensar por meio da

pesquisa psicanalítica pode renovar e fazer nascer ou renascer um sujeito psíquico, devolvendo-lhe a plasticidade metafórica.

Do outro lado do divã, podemos afirmar que cada psicanalista tem uma capacidade metafórica diversa, e também uma disposição variável a se entregar com paciência ao trabalho de pesquisa seja em seu consultório, seja convivendo com as teorias e os relatos de outros casos, seja quando lê, escreve, orienta pesquisas e discute com seus pares; em todos esses domínios há pesquisa e toda pesquisa consequente do universo psíquico conduz a impasses e aporias que precisam ser ultrapassados, ainda que parcialmente. Por isso um dos aspectos importantes da pesquisa em psicanálise é pensar-se a si mesma, redescobrir, elucidar e aprofundar a sua prática e suas contradições, o seu método e suas aporias.

A palavra “aporia” nos levou ao poema de Drummond que relata os dois tempos do fazer poético: impasse e quando se tem sorte, travessia, encontro de um novo *insight* que se transforma em um poema. A escrita de Drummond servirá de horizonte poético para a nossa reflexão sobre a pesquisa, que deve também caminhar ao encontro de um *insight* teórico ou analítico.

No dicionário Houaiss a palavra “aporia” apresenta as seguintes definições.

Dificuldade ou dúvida racional decorrente de uma possibilidade objetiva na obtenção de uma resposta ou conclusão para uma determinada indagação filosófica. (As aporias foram cultivadas pelo ceticismo pirônico como demonstração da ausência de qualquer verdade absoluta ou certeza filosófica definitiva). Em Aristóteles, problema lógico, contradição, paradoxo nascido da existência de raciocínios igualmente coerentes e plausíveis que alcançam conclusões contrárias. Situação insolúvel, sem saída. Embaraço, incerteza, em uma discussão ou pesquisa. (Houaiss, 2001)

Vamos então ao poema de Drummond, que se chama “Áporo”.

Um inseto cava
Cava sem alarme
Perfurando a terra
Sem achar escape.

Que fazer, exausto,
em país bloqueado
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
 (oh razão, mistério)
 Presto se desata:

em verde, sozinha
 antieuclediana,
 uma orquídea forma-se.
 (Drummond de Andrade, 1945, p. 142)

Áporo: encontram-se nos dicionários vários sentidos para esta palavra-enigma. Além da ideia de um problema sem saída, com solução difícil, a palavra designa um gênero de plantas da família das orquídeas e também um inseto himenóptero, da família dos cavadores! (Pignatari, 1971, pp 131-137). Drummond realizou um verdadeiro trabalho de arte ao descondensar os significados divergentes da palavra.

A primeira impressão do poema nos vem do fascínio do desconhecido que emana dessa palavra rara e estranha do título. Ela nos atrai, despertando a curiosidade para o que desde logo se oculta: da aporia brota, como sempre, o espanto, e com ele, o desejo de conhecimento. Desde o princípio, “Áporo” faz voltar à raiz da dificuldade de conhecer, à reflexão que retoma de novo o caminho. (Arrigucci, 2002, p. 78)

Esse poema enigmático lembra a fala cifrada de alguns pacientes mergulhados em uma situação que se repete e perdura sem solução – “perfurando a terra sem achar escape” – mas também a situação do pesquisador e do intérprete em psicanálise que se encontra em um impasse, sem conseguir chegar a uma nova compreensão da situação de sofrimento e sem conseguir encontrar uma saída. A capacidade metafórica do analista também se encontra esvaziada, e assim como o poeta, ele se pergunta “que fazer, exausto, em país bloqueado?”. Aqui o “país bloqueado” refere-se ao seu terreno de investigação que se encontra fechado. Esta situação de aridez metafórica pode acontecer enquanto o psicanalista atende seus pacientes ou dá supervisões clínicas, e também no momento que realiza uma pesquisa universitária, com seus orientandos ou quando ele próprio escreve e reflete sobre a sua prática clínica. Do ponto de vista psíquico, o bloqueio acontece quando o recalque é muito denso. Ou quando a recusa (*Verleugnung*) produz o não-acesso a alguma dimensão do que foi vivido. Ou ainda, como efeito de qualquer forma de cisão significativa do Eu, como Freud afirmou em “A cisão do eu e os mecanismos de defesa” (1940).

O estado de não conseguir (não poder?) se expressar do poeta pode ser comparado à perplexidade do pesquisador que, embora nada encontrando, “cava sem alarme, perfurando a terra”. Um psicanalista aprende o trabalho miúdo, anônimo,

de atenção ao detalhe, de inserção na rede temporal da experiência, um trabalho de anamnese constante: retomar o fio solto do mal-estar que aí está e confiá-lo aos elementos da história que precisam ser resgatados e relativizados, lembrados e esquecidos, em um contínuo processamento metaforizante. As angústias são revisitadas, assim como os mecanismos de defesa, busca-se um padrão que se repita com insistência, para “por em evidência certas estruturas constituintes da subjetividade” (Green, 1992, p. 9).

Paralelamente a isto, a visitação e revisitação dos textos teóricos e dos casos clínicos publicados visa a criação de um grande repertório simbólico, um ambiente suficientemente gestacional, para a investigação, a descoberta e o *insight*:

Quando o analista (*e também o pesquisador em psicanálise*), em atitude de atenção flutuante – sem memória, desejo e compreensão (prévia) –, em dado momento, totalmente de improviso é fisgado pelo *fato selecionado*, o disperso e o informe da experiência ganham uma nova forma expressiva, consumando-se uma experiência de leitura e de escuta, ou seja, tornando-se evidente a dimensão estética do material assim apreendido. (Figueiredo, 2011, os itálicos são acréscimos nossos)

É preciso, pois, trabalhar “como um inseto” na miúda imediaticidade dos dados, na longínqua presença de um saber silencioso que forma uma concha acústica, e também deixar-se fisgar subitamente por um *fato selecionado* através do qual algo se desata, uma antiga ordenação da visão se desfaz dando lugar a algo novo, que pode ser nomeado e conduz a uma interpretação mutativa e ao *insight*. [“(oh razão, mistério) / Presto se desata: / em verde, sozinha / antieuclediana, / uma orquídea forma-se.”]

A orquídea, verde, cor que associamos à esperança e ao *insight*, contrasta com as metáforas escuras dos túneis de terra. Entretanto, ela nasce do longo trabalho de “cavar sem alarme”: para o artista ela é a palavra poética que por fim se desata e se põe a correr, para o pesquisador psicanalista é o *insight* desejado. Ela é uma flor *antieuclediana*; “forma-se” *fora* da geometria euclidiana (dedução-indução), fora da lógica aristotélica, superando-a sem recusá-la. Surge de um solo fértil e obscuro; é uma razão-mistério que a ciência positivista desconhece. O *insight* surge depois de uma espera, “formando-se”, isto é, sem a intervenção controladora do pesquisador, mas como fruto (ou flor?) de um paciente trabalho de cavar, de reunir; enfim, de conservar ora na proximidade, ora na distância, uma série de elementos antes dispersos.

Podemos pensar que a figura de um “inseto” pode ser invocada para fazer falar a impotência que se sente ante a enormidade, a complexidade da tarefa, no limite, impossível: a de criar um poema, analisar um paciente, pesquisar um tema. E

também realça a *desproporção* entre o minúsculo pesquisador e o maiúsculo campo a explorar, da dimensão de um país. Quem pesquisa se entrega ao ato de escutar (escavar sempre mais) os dados de uma queixa, uma história, os milhares de trabalhos anteriores que ameaçam esmagar com a pressão do já sabido. A ideia de mergulhar na terra indica uma direção descendente: de início não há horizonte, não há vista nem visão. Há humilde trabalho de lavra da palavra. Mas esta ainda não quer se dar. Mencionamos aqui algo desta temporalidade estranha da pesquisa, desta tolerância à espera de um resultado algo incerto e inesperado.

Estas metáforas escuras de “Áporo” entram em contraste com a recomendação luminosa de Drummond aos jovens poetas em “Procura da Poesia”: “Penetra surdamente o reino das palavras, Lá estão os poemas que esperam ser escritos, Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata” (Drummond, 1945, p. 117)

No *Áporo* não há calma, nem frescor, nem superfície úmida, intata. Há um tatear no escuro, uma procura em túneis. A aporia nos remeteu à palavra grega *Porós*, que é justamente o contrário dela. *Porós* é recurso, abundância, possibilidade, capacidade de dar passagem, de avançar no terreno de uma exploração. É também o princípio ativo que preside o movimento erótico e podemos associá-lo à curiosidade que leva à procura da poesia e, da mesma forma, a todo desejo de saber. Aliás, o *Eros* grego é justamente filho de *Porós* e de *Penia*, esta última significando falta, limite, miséria. *Porós* sente uma atração irresistível por *Penia*, quer enriquecê-la, engravidá-la e desta união nasce *Eros*. O poema indica-nos este momento cerrado, o enlace de “noite, raiz e minério” que precede o nascimento do poema. Em psicanálise associamos *Eros* a um princípio de ligação, às pulsões sexuais e à pulsão de vida. A dinâmica de *Eros* envolve portanto a falta, a sede e a plenitude de algo: temos aí uma nova aporia, e podemos dizer que o pesquisador vive entre estes dois extremos: seu destino é desejar (saber) e correr atrás das terras ainda não pesquisadas. Desde muito cedo, na Grécia, e mais recentemente, os psicanalistas falarão desta dupla natureza do desejo, que é ao mesmo tempo *falta e plenitude, miséria e riqueza*.

O sentido de “áporo” – “lugar sem passagem, difícil, embaraçante, inelutável” – é, de fato, o contrário de *Porós* que significa passagem, recurso, possibilidade. As referências à mitologia se multiplicam quando pensamos na história de Édipo encontrando Laio, que ele não sabe tratar-se de seu pai, atravessado em seu caminho, impassível, bloqueando-o. A autoridade do saber constituído é quase sempre um enclave, um bloqueio a continuar uma pesquisa. É este confronto de força e poder entre os dois que acaba no assassinato de Laio. Conflito com o pai, com a possibilidade de ser pai em sentido estrito e simbólico? Isto é, conflito ligado à possibilidade de autorizar-se, de ser autor.

Um dos intérpretes do poema de Drummond, Davi Arrigucci, busca o contexto histórico e a data de escrita do poema. Encontra uma data que coincide com os anos de ditadura de Getúlio Vargas no Brasil (“em país bloqueado”); e também da segunda guerra mundial. O contexto histórico não explica a aridez do poeta mas a sua aridez também não se explica fora do contexto histórico e eis uma destas questões “dentro-fora” de tal imbricação que já não se pode separar uma dimensão da outra, elas se refletem, negam-se e se constituem mutuamente em uma dialética interminável. Isto nos leva ao título do poema.

O poeta está em um país bloqueado, o que no plano individual pode ser visto como o estado de submissão a uma voz interior que lança sua sombra sobre a criatividade do Eu, que a estanca, e que funciona como um grande enclave³. O lavrador de palavras cava a terra sem chegar a lugar nenhum, exausto, em um lugar que é “enlace de noite, raiz e minério”.

Estas três palavras trazem à luz o que há de mais imutável na natureza – o minério. Ao mesmo tempo o minério, extraído de minas, pode ser uma alusão ao lugar de origem do poeta. O enlace de “noite, raiz e minério” lembra a direção descendente do animal (o inseto cavando na noite), ao vegetal (raiz) e enfim ao mineral, para o centro daquilo que, em sua dureza não dá passagem ao sentido. Mas, quando o poeta concede descer verticalmente neste enlace de noite, raiz e minério, acontece o desenlace: algo se desata, a orquídea verde (do *insight*) forma-se.

Esse momento agudo da dificuldade de passar é também o momento mais cerado da articulação (o momento do “enlace”), pois é quando se reúnem os elementos mais heterogêneos na construção labiríntica. ... Os três elementos (noite, raiz e minério) que se juntam nesse complexo “enlace” pertencem ao mundo físico e têm em comum a propriedade de não estar à mostra: o escuro superior, que faz parte da noite e tudo encobre, e “raiz” e “mistério” que se acham ocultos sob a terra, entretecem (presos pela rima de “minério” com “mistério”) a secreta impenetrabilidade: a barreira que resiste ao trabalho tenaz de perfuração do inseto. (Arrigucci, 2002, pp. 90-92)

Queremos com a leitura do poema introduzir o leitor ao universo metafórico onde se move a vida psíquica e a pesquisa em psicanálise com seus impasses e aporias. Com a nossa análise, outro ponto que queremos indicar, é a necessidade de uma lógica paradoxal que está presente nos objetos de estudo, nas pessoas e nos acontecimentos sócio-culturais, nas teorias e nas práticas psicanalíticas. Isto se encontra mais desenvolvido no ensaio em que Naffah Neto reflete sobre o paradoxo na obra de Winnicott: “Paradoxo e racionalidade no homem winnicottiano: a sombra

3 Ver a idéia do superego como “enclave psicótico” em Cardoso (2002).

de Heráclito de Éfeso” (Naffah, 2010) e também em “Três teses sobre o paradoxo em psicanálise” de Figueiredo (2009).

Figueiredo diz:

Como consequência da primeira tese, afirma-se o caráter paradoxal do “objeto da psicanálise”: o *vir a ser humano*, *entre sono e vigília*, *entre vigília e sono*, *entre consciência e inconsciente*, *entre estar-com e estar-só*, *entre um e outro*, *entre passado e futuro ... entre ser e não ser, sendo, em trânsito*.

(Figueiredo, 2009, p. 59)

Naffah Neto, por sua vez, complementa essas afirmações dizendo que a *razão paradoxal* – que guarda afinidades com o tipo de pensamento de Heráclito de Éfeso – é a *razão psíquica*, por excelência:

Os assuntos do coração, dos afetos, são sempre controvertidos, paradoxais: quero/não quero; amo/não amo; odeio/não odeio. Além disso, estão sempre em devir, transmutando-se a todo instante. Impossível traduzi-los na forma de um pensamento lógico formal sem achatá-los, truncá-los, ou, numa só palavra: *simplificá-los*. (Naffah Neto, 2010, p. 127).

A pesquisa em psicanálise⁴

Falar em pesquisa em psicanálise é quase um pleonasma, já que o termo psicanálise já implica, por si só, o termo pesquisa. Dito de outra forma, quando praticamos psicanálise estamos sempre fazendo pesquisa; caso contrário, não estamos praticando psicanálise.

Quando nos sentamos atrás de um divã, à escuta de um analisando, estamos pesquisando. Para tanto, utilizamos uma ferramenta básica de pesquisa denominada atenção flutuante; é somente por ela e através dela que podemos, junto às associações livres do analisando, ter acesso a qualquer sentido do que está ocorrendo ali. A atenção flutuante é um estado de receptividade às palavras do paciente e às associações que estas palavras provocam no analista. O analista se entrega a uma atividade de contornar o que escuta com um campo de significações possíveis ligados à percepção dos afetos estrangulados, que ainda não puderam ser representados, acima de tudo das angústias que precisam ser nomeadas.

4 Essa parte do texto, referida aos tipos de pesquisa em psicanálise foi desenvolvida em artigo anterior (Naffah Neto, 2006), e é aqui retomada com algumas revisões.

Nesse acontecimento clínico, as ferramentas teóricas estão sempre à margem, numa suspensão virtual que não as torna competentes para nada em si mesmas, salvo quando são literalmente arrancadas dessa suspensão virtual por alguma vivência do paciente que permite ao analista delas se utilizar para tomar forma, no espaço intersubjetivo da transferência-contratransferência. Isto é, não apenas as teorias, mas todo o percurso analítico-existencial do analista servem para formar uma matriz simbólica que é acionada, em pontos diferentes, por aquilo que diz o paciente sugerindo uma nova figuração ou uma nova formulação ao seu vivido.

De forma análoga, quando recolhemos experiências clínicas e as utilizamos criativamente para elucidar ou problematizar questões teóricas, psicopatológicas ou técnicas, também estamos fazendo pesquisa, o que significa dizer que, através desse caminho, chegamos a algum sentido novo, capaz de produzir alguma transformação no conjunto de conhecimentos acumulados até então. Neste caso usamos não mais a atenção flutuante, mas raciocínios indutivos e dedutivos, característicos do pensamento lógico-formal, ainda que, muitas vezes, em função do próprio caráter enigmático desse tipo de pesquisa, a lógica aristotélica apareça – em algum nível – maculada e desconstruída pela presença do pensamento paradoxal. Winnicott, ao observar bebês se deu conta de que o bebê faminto busca algo que seu instinto procura, um objeto de que necessita, ao mesmo tempo em que a mãe oferece a ele algo que o pode satisfazer. O encontro entre o que ele procura (criação) e o que lhe é oferecido (descoberta) resulta em uma experiência única – portadora de uma lógica paradoxal entre estas duas dimensões, pois a natureza de sua experiência – chamada de objeto subjetivo – é ao mesmo tempo descoberta e criação – e seria impossível resolver o paradoxo, separando a dimensão da descoberta daquela de criação (Winnicott, 1988).

Assim, até o momento, temos, pelo menos, dois sentidos diferentes que o termo pesquisa assume no trabalho psicanalítico. O primeiro deles é o da pesquisa-escuta, pesquisa clínica por excelência, no interior da qual a atenção flutuante do analista e as associações livres do analisando contribuem para a produção de sentido, graças à concorrência de processos inconscientes. O segundo, o da pesquisa-investigação, pesquisa teórico-metodológica, responsável em última instância pelo crescimento e aperfeiçoamento da disciplina psicanalítica, que complementa e dá suporte à pesquisa clínica, recebendo dela, ao mesmo tempo, o estímulo para o seu trabalho construtivo. Temos, pois, aí, duas formas de pesquisa que se complementam, se alternam e se contradizem em uma dialética interminável, na qual nenhuma síntese é definitiva.

Evidentemente, a pesquisa-escuta comporta também um nível de investigação, mas esta não é levada a cabo através de uma postura ativa, seletiva e racional da consciência, como aquela que se debruça sobre a investigação de problemas teóricos e metodológicos psicanalíticos. Na pesquisa-escuta domina sempre uma posição

mais passiva de se deixar afetar pelo outro, numa forma de atenção não-seletiva: a atenção flutuante, que Bion recomenda que seja “sem memória e sem desejo”. Ao dizer isto, Bion se referia a uma atitude de abertura à novidade, a cada início de uma nova sessão de análise, para que o analista não ficasse excessivamente saturado pelos acontecimentos das sessões anteriores, abrindo espaço para perceber elementos novos que se apresentam e abrindo mão da necessidade de controlar e dirigir o trabalho analítico.

A pesquisa-escuta requer o convívio com o mistério que Drummond aponta no enlace entre “noite, raiz e minério”. Paciente e analista consentem em cegar-se para o sentido mais óbvio de suas experiências e mergulhar na “noite”, sem memória e sem desejo de compreender imediatamente, principalmente sem pressa de dar alguma resposta, de fazer conexões. Entregam-se a um lento trabalho de esperar que novas articulações possam surgir da aproximação de palavras divergentes; um trabalho de mineração, e de convívio com as raízes, regido por uma lógica anti-aristotélica e anti-euclidiana, o enlace entre “noite, raiz e minério”.

E mesmo quando extrapola o trabalho de consultório e se debruça sobre objetos outros – uma biografia, uma obra de arte – a pesquisa-escuta implica, de forma análoga, uma atitude passiva de se deixar impregnar pelo outro, tanto corporal quanto espiritualmente, para depois destilar, das marcas desse encontro os ingredientes necessários à formulação do conhecimento buscado. Nesses casos, por não poder contar com as informações dadas pela associação livre que a sessão analítica propicia, o trabalho torna-se ainda mais complexo, tendo que utilizar todos os signos/sinais disponíveis, centrais ou marginais.

A pesquisa-escuta pode vir a ganhar forma escrita como um trabalho isolado – como no relato de um caso clínico ou na interpretação psicanalítica de uma obra de arte – sem necessariamente ter que esquadriñar e problematizar o campo psicanalítico em questão. Isso significa dizer: sem necessariamente ter que se desdobrar no que denominamos pesquisa-investigação.

Diferentemente da pesquisa-escuta, a pesquisa-investigação, propriamente dita, implica o desejo do pesquisador e pressupõe esquadriñamento do campo de conhecimento, formulação e seleção de problemas teórico-metodológicos, bem como a sua investigação rigorosamente planejada, tarefas que, no todo, extrapolam o mero relato escrito da pesquisa-escuta.

Todo psicanalista que orienta dissertações e teses em psicanálise, em programas de pós-graduação, sabe que o aluno traz geralmente, como problema de pesquisa, algum tema bastante implicado na sua vida emocional e que se gasta bastante tempo nessa tarefa inicial de discriminar o sujeito e o objeto da pesquisa (que vêm bastante misturados). É essa implicação, entretanto, que mobiliza o desejo do

pesquisador e o impulsiona rumo à investigação, como, aliás, já salientara Freud, ao falar sobre o surgimento da pulsão de saber ou de investigar (Freud, 1905/1976).

Há, ainda, um terceiro tipo de pesquisa que envolve a psicanálise, mas que não utiliza a pesquisa-escuta psicanalítica – no seu sentido mais amplo – como ferramenta de trabalho. Trata-se de pesquisas em filosofia (epistemologia) ou história da psicanálise, bem como pesquisas que relacionam a psicanálise a processos sociais e/ou culturais, geralmente levadas a cabo por filósofos, historiadores, sociólogos, antropólogos ou psicólogos (não, necessariamente, psicanalistas). São, na verdade, pesquisas fundamentais – que investigam os fundamentos – ou pesquisas interdisciplinares, bastante importantes, à medida que podem questionar, colocar em xeque e rever os próprios alicerces sobre os quais a psicanálise se assenta, ou as formações sociais/culturais com as quais se articula. Isso, entretanto, não as torna pesquisas-psicanalíticas, *stricto sensu*, já que não trabalham numa relação interna com a clínica, esta dimensão inalienável da pesquisa em psicanálise.

Todas essas questões situam a pesquisa psicanalítica numa vertente muito diferente da de várias outras disciplinas. A medicina, por exemplo, tem seu campo de pesquisas calcado em outras ciências, como a bioquímica, por exemplo, cujos resultados obtidos – sempre passíveis de replicação experimental – podem ser transformados em proveito da clínica médica, cujo espaço – de aplicação dos achados científicos – não se confunde, por princípio, com o de pesquisa. De forma análoga, a psicologia experimental constrói a sua ciência no laboratório, revertendo as suas descobertas para a clínica da terapia comportamental. Aí, também, as descobertas são todas construídas experimentalmente e passíveis de replicação científica.

Na psicanálise nada é passível de replicação, ou seja, um mesmo acontecimento não se produz nunca mais do que uma vez, à medida que ele nunca pode ser reduzido a componentes invariantes e abstratos, passíveis de controle e replicação experimental. Nesse sentido, se a psicanálise se propõe como ciência, só pode se definir como uma ciência do singular. Por motivos análogos, aí o campo de pesquisa e o campo de aplicação não se distinguem um do outro, recobrando-se sempre, pois cada sessão analítica implica sempre uma suspensão de tudo o que já existe e o reinício de todo o processo.

Mas, é possível uma ciência do singular? Ou seja, uma ciência não se define sempre pela busca de regularidades, passíveis de serem transformadas em leis gerais e universais?

Contra esse ponto, poder-se-ia argumentar sempre que a ciência psicanalítica é repleta de universais: a rivalidade fraterna e o sentimento de exclusão presentes no complexo de Édipo, a insaciabilidade do desejo e as descrições das formas primitivas de manifestação do amor. Mas essa afirmação, embora correta, não é muito conclusiva, à medida que esses universais, como conceituações de certos acontecimentos

observados, apenas os situam dentro de categorias explicativas gerais e abstratas, pouco competentes para definir, *à priori*, a singularidade da coreografia que domina essas dinâmicas, enquanto tal. Ou seja, “complexo de Édipo”, “elementos beta”, “falso *self*”, “posição depressiva”, “objeto a”, mais do que leis universais, constituem metáforas interpretantes, cuja escolha, em cada momento, implica tanto a escuta do psicanalista/pesquisador, quanto a singularidade da técnica empregada. Pois, para o analista competente, são sempre os acontecimentos clínicos, a forma como se apresentam, que podem dar a direção da escolha de algumas dessas ferramentas conceituais, capazes de evocar – em algum nível – a realidade psíquica em questão, conceituando o que é, até então, informe e situando-o dentro de uma categoria conceitual. Entre esta categorização – geral e abstrata, mas que situa o acontecimento dentro do corpo teórico – e a produção de uma interpretação – que tece o sentido do acontecimento com as cores singulares que o caracterizam – há um longo trabalho de elaboração, que se processa, em grande parte, em nível inconsciente e pré-consciente.

Há analistas que, *stricto sensu*, podem se denominar “analistas freudianos”, “analistas kleinianos”, “winnicottianos” etc. e que, por escolha própria, restringem o seu campo de trabalho ao recorte teórico-metodológico de um único autor (e seus seguidores) e outros que, sem fazer apologia de ecletismo, trabalham no interior de um campo mais abrangente. Entretanto, todo psicanalista precisa evitar o uso de arcabouços abstratos e “verdades” apriorísticas e precisa trabalhar num estado de suspensão teórica, permitindo que as interpretações sejam sempre sugeridas pelos próprios acontecimentos clínicos e tecidas cuidadosamente ao longo da escuta, não emergindo como coelhos tirados de uma cartola de mágico. Portanto, interpretar constitui a tarefa quase impossível de evocar e criar sentido para o que, originalmente, é singular, inominável.

Em psicanálise, tudo o que se repete encontra-se ainda, em algum nível, fora da esfera psíquica ou, pelo menos, fora de uma parte importante dela; assim é o retorno do recalcado em Freud, que volta sempre à procura de representação-palavra, capaz de produzir sua inserção na consciência ou a compulsão à repetição, também em Freud, buscando insistentemente criar representação para o psiquicamente não-representado (Freud, 1920/1976). A compulsão à repetição comporta uma dimensão de pulsão de morte, com a sua tendência a buscar a descarga e a eliminação das excitações, e uma dimensão de pulsão de vida, com sua tendência a buscar uma representação e um sentido para o não-representado. Podemos afirmar que o não representado pode estar mais próximo ou mais distante de vir a ser representado e a possibilidade de representação está sempre na dependência do encontro com um ambiente suficientemente favorecedor ao estabelecimento de ligações. Um dos maiores enigmas para a psicanálise é a insistência daquilo que se repete insistentemente, resistindo a entrar no campo do sentido e a se deixar processar. Poeticamente

diríamos que este lugar é o enlace de “noite, raiz e minério”, onde *se reúnem os elementos mais heterogêneos, o que há de mais imutável na natureza, o minério*. O sentido surge quando esta noite dos sentidos é “enlaçada” pelo desejo de saber e o nó se desata.

Há ainda a regressão a um estado de dependência, em Winnicott, quando se retorna inúmeras vezes, a acontecimentos arcaicos congelados no tempo, a fim de constituir psiquicamente o que tinha ficado como lacuna, em função de condições ambientais pouco propícias (Winnicott, 1954/1984). E mesmo com relação a essas repetições, seria errôneo tomá-las como reiteraões do mesmo, pois se algo aí insiste ou retorna, cada nova vez já comporta diferenças com relação à anterior. Diríamos, inclusive, que é justamente pela possibilidade de gerar diferenças, capazes de produzir algo de novo, que essas repetições se fazem. Mais correto seria, pois, designá-las como repetições *diferenciais*.

Por isso, todas as tentativas de transformar a psicanálise numa ciência objetiva, mensurável fracassaram e sempre fracassarão. Contudo, ainda resta a questão: é possível uma ciência do singular?

Às vezes – como Fábio Herrmann (2001) e a sua Teoria dos Campos – pensamos que não e que o saber psicanalítico estaria mais próximo do saber artístico, pelo menos na vertente clínica que denominamos pesquisa-escuta. O processo de dar sustentação e acolhimento a um analisando, interpretando sintonicamente nos momentos oportunos e, de forma análoga, sabendo calar em outros tantos, supõe algo análogo a pintar um quadro: escolher as tintas, criar os matizes e buscar a harmonia do todo, na paciência das múltiplas pinceladas, na espera da secagem das camadas, a fim de que um sentido pictórico se crie. Algo como pintar um quadro a quatro mãos. Ou uma improvisação musical de jazz, também a quatro mãos. Aí, no âmbito da técnica, tudo é inusitado e singular; isto exige competência, mas também sensibilidade, presença e, por que não dizer, talento.⁵

Mas a psicanálise é também a disciplina que pesquisa a formação do inconsciente e as etapas do crescimento humano, desde a completa dependência da infância até a autonomia adulta, através dos múltiplos caminhos e descaminhos pelos quais a vida se faz neurose, perversão, psicose, quadros *borderline* etc. Aí, ela está mais próxima de uma ciência humana, ciência não-experimental das transformações ou do devir humano. Mas, incontestavelmente, ciência, envolvendo sistematização de dados e criação conceitual, capazes de dar inteligibilidade às diversidades psíquicas,

5 E quando se trata de interpretar biografias, obras de arte etc., diríamos que o talento tem de ser de igual tamanho, se não superior, pois – conforme já salientei – aí não se pode contar com nenhum processo de associação livre. Pressupõe enfrentar o objeto de estudo às escuras, perscrutando, nos documentos disponíveis, aquilo que possa orientar a pesquisa de forma análoga à associação livre.

ainda que – como já salientamos – esses conceitos funcionem mais como metáforas para o invisível psíquico, do que como leis. Mas, como já disse Nietzsche, todo conceito – filosófico ou científico – no fundo é uma metáfora, ainda que, na maior parte das vezes, o filósofo ou cientista que o cria e maneja desconheça essa condição (Nietzsche, 1873/1978).

Como, entretanto, conciliar esses dois lados da psicanálise, o artístico e o científico, ligados de modo tão intrínseco um ao outro e tão díspares, quando temos em mente a questão da pesquisa, melhor dizendo, quando esta pesquisa exige rigor formal?

Como processar a escrita de sessões – esses processos evanescentes, fugidios, que nos escapam como sonhos ao despertar – quando não se podem fazer anotações durante as mesmas, sem prejudicar a atenção flutuante e a escuta? Quais as implicações de termos que lidar sempre com reconstruções de memória? E como poder utilizar esse material – tão essencial e caro à pesquisa – respeitando, ao mesmo tempo, a ética do sigilo profissional, que nos obriga a mascarar o caso clínico, até torná-lo irreconhecível?⁶ E como reunir concepções, por vezes, tão díspares, de uma disciplina que se pluralizou em diferentes escolas, implicando teorias e técnicas que beiram, na sua antinomia, o inconciliável?

Essas são apenas algumas das questões espinhosas que a pesquisa psicanalítica nos propõe, como um desafio a ser enfrentado, percorrido e, em algum nível, equacionado, cada vez que nos pomos em campo. Não penso que nos programas de pós-graduação universitários, os problemas sejam muito diferentes dos que qualquer psicanalista encontra no seu dia-a-dia.

A divergência entre autores e escolas pode ser pensada, junto com Winnicott (em *Human Nature*) que considerava as várias linguagens – de um recém nascido até a idade adulta – em vigência simultânea. Lemos em Figueiredo (2009, p.60):

Mas se “na verdade, a criança está o tempo todo em todos os estágios”, todas as linguagens, a de Freud, a de Klein e a de Winnicott, conservam ao longo do tempo alguma validade, mesmo quando não são mais adequadas ao estágio dominante. Não emerge nenhuma proposta de integração (e pasteurização), mas afirma-se a coexistência paradoxal das linguagens mesmo que alguma seja a mais pertinente e as outras sejam deliberadamente excluídas da exposição de

6 Nos cursos de pós-graduação universitários, os atuais Conselhos de Ética exigem, caso não se queira usar de todos esses disfarces, um consentimento por escrito do analisando, dizendo que permite a utilização do seu material clínico para fins de pesquisa. É inegável, entretanto, que isso pode trazer grandes constrangimentos tanto para o analista, quanto para o analisando, em função do sigilo normalmente contratado no início da análise.

um determinado estágio, sabendo-se, porém, que mantém a validade o tempo todo. (Figueiredo, 2009, p. 60)

Concluindo, propomos aqui que a psicanálise possa ser considerada uma ciência humana que se regula por um corpo de conhecimentos e por um método passível de descrição muito precisa, embora paradoxal, pois precisa atravessar diferentes estratos do psiquismo, inconsciente, consciência, razão, valores culturais. Este método exige, para fazer sentido, expressar-se por meio de uma prática supervisionada, do estudo das teorias e dos casos clínicos publicados e, sobretudo, da experiência de ter se analisado. Além de ser uma ciência do singular, as suas teorias e práticas, assim como o seu método, precisam estar em constante reformulação e metamorfose, em função das transformações dos tipos de patologia através dos tempos. Isto mostra que o que caracteriza a psicanálise é ser um trabalho do sentir e do pensar, que revela o sentir e o pensar como verdadeiros trabalhos. Estes precisam ser tecidos e processados em uma comunidade de pesquisadores, capazes de dar andamento aos conflitos entre suas diversas leituras e interpretações, se não para transformar o múltiplo em uno – o que se revela, cada vez mais, impossível –, pelo menos para se pensar a que resultados se chegou com tal concepção e tal técnica; que vantagens ou desvantagens – no nível do crescimento psíquico e do bem-estar humano – se obtém usando tal perspectiva e as técnicas que dela derivam.

Mas, realizar tal empreitada não é nada simples, à medida que o próprio ato de interpretar é, em si mesmo, *múltiplo*. Nessa direção, a psicanálise, como ciência do singular, tem como procedimento mais universal encaminhar um trabalho de metamorfose dos sentidos. Escutar, por exemplo, as repetitivas ideias auto-depreciativas de um paciente fazendo-as ecoar em diferentes níveis do vivido pelo paciente e pelo analista, desde o nível de crenças, valores e sentidos culturais até as camadas mais “animais” da história de vida, aquelas que marcam a fronteira entre a existência orgânica e os componentes inorgânicos do organismo vivo. Ouvir as queixas fazendo-as ressoar em seus níveis mais arcaicos de registro, em memórias corporais dizíveis e indizíveis, em narrativas que se repetem e se diferenciam umas das outras. O sujeito humano só se mantém vivo e capaz de trabalhar e amar se puder se constituir e se reconstituir como feixe de sentidos em constante mutação, se puder narrar a sua vida a alguém que o escuta, fazendo-o entrar no ciclo de metamorfoses que observamos no poema de Drummond.

Como pudemos “ver”, com a ajuda de Davi Arrigucci

o que permite a metamorfose interna do inseto em flor não é, obviamente, um processo da natureza, embora se faça à sua semelhança; é o resultado de um esforço humano de mudança. ... Essa metamorfose radical que o poeta,

lidando apenas com meras palavras do dicionário, opera na raiz do poema, é seu trabalho de arte. (Arrigucci, 2002, p. 83).

O trabalho do pesquisador em psicanálise envolve conviver com os impasses e aporias do vivido (e do não-vivido) em suas múltiplas implicações e em seus múltiplos sentidos éticos, estéticos, experienciais. Contemplando e fazendo desdobrar o múltiplo e o complexo sem, em nenhum momento tentar reduzi-lo, simplificá-lo, retirando dele sua dimensão temporal e mutativa.

E admitindo que há uma fronteira última, um enlace de “noite raiz e minério” que permanece intransponível, inominável. Perto deste limiar último, é preciso pesquisar.

La investigación psicoanalítica: el arte de tratar con la paradoja

Resumen: Este artículo se compone de un debate acerca de la relación interna que existe entre la investigación y el psicoanálisis. Describe dos métodos de investigación psicoanalítica: la investigación-escucha, que es la investigación clínica, por excelencia, y la investigación-teórica que se centra en cuestiones psicanalíticas metodológicas y/o teóricas. También se describe un tercer tipo de investigación, que tiene el psicoanálisis como tema, sin ser exactamente una investigación psicoanalítica. A continuación, este artículo intenta caracterizar los dos primeros métodos de investigación en su relación dialéctica. Por último, se examinan las dificultades inherentes a ambos.

Palabras clave: investigación-escucha; investigación psicoanalítica; problemas de investigación; metodología psicoanalítica.

Psychoanalytical research: the art of dealing with paradox

Abstract: This article is an approach to a discussion of the internal relationship between research and psychoanalysis. It describes two kinds of psychoanalytical research: the listening-research, which is the real clinical research and the investigative-research, which bends over theoretical and/or methodological psychoanalytical problems. It also describes a third kind of research, that one which has psychoanalysis as a theme, without being properly a psychoanalytical research. Then it tries to characterize the first two kinds of research in their dialectic relationship. Finally, it discusses the difficulties that are proper to them.

Keywords: listening-research; investigative-research; research problems; psychoanalytical methodology.

Referências

- Arrigucci, D. (2002). *O coração partido*. São Paulo: Cosac Naify.
- Bion, W. R. (1993). Ultimate reality. In W. R. Bion, *Attention and Interpretation* (3ª ed., pp. 87-91) Londres: Karnac.
- Cardoso, M. R. (2002). *Superego*. São Paulo: Escuta.
- Cintra, E. M. U. & Figueiredo, L. C. (2004). *Melanie Klein: Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- Drummond de Andrade, C. (2002). “Áporo” in *A rosa do povo*. In C. Drummond de Andrade, *Poesia Completa conforme as disposições do autor*. (p. 142). Rio de Janeiro: Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1945)
- Drummond de Andrade, C. (2002) “Procura da poesia” in *A rosa do povo*. In C. Drummond de Andrade, *Poesia Completa conforme as disposições do autor*. (p. 117). Rio de Janeiro: Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1945)
- Figueiredo, L. C. (2009). Três teses sobre o paradoxo em psicanálise. In L. C. Figueiredo, *As diversas faces do cuidar – novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L.C. (2011). A interpretação psicanalítica: clínica e formações da cultura. Aulas para o curso de Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. (não publicado)
- Freud, S. (1975). La escisión del yo em el proceso defensivo. In S. Freud, *Obras Completas* (José L. Etcheverry, trad, Vol. 23, pp. 271-278). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940)
- Freud, S. (1976a). Más allá del principio de placer. In S. Freud, *Obras Completas* (José L. Etcheverry, trad, Vol. 18, pp. 1-62). (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1976b). Trabajos sobre metapsicología. In S. Freud, *Obras Completas* (José L. Etcheverry, trad, Vol. 14, pp. 99-258). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1976c). Três ensayos de teoria sexual: La sexualidad infantil: La investigación sexual infantil. In S. Freud, *Obras completas* (José L. Etcheverry, trad, Vol. 7, pp. 176-179). Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1905)
- Green, A. (1992). *O desligamento*. Rio de Janeiro: Imago.
- Herrmann, F. (2001). *Teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Naffah Neto, A. (2004). A escuta musical como paradigma possível para a escuta psicanalítica. *Percurso*, 17 (33), 53-60.
- Naffah Neto, A. (2005). Winnicott: uma psicanálise da experiência humana em seu devir próprio. *Natureza Humana*, 7 (2), 433-454.
- Naffah Neto, A. (2006) A pesquisa psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, 39 (70), 279-288.
- Naffah Neto, A. (2010). Paradoxo e racionalidade no homem winnicottiano: a sombra de Heráclito de Éfeso. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44 (2), 123-133.
- Nietzsche, F. (1978). Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. In F. Nietzsche. *Nietzsche: Obras incompletas* (Os pensadores) (pp. 43-54). São Paulo: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1873)
- Ogden, T. (1996). O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In T. Ogden. *Os sujeitos da psicanálise* (pp. 57-91). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pignatari, D. (1971). “Áporo (Um inseto semiótico)”. In D. Pignatari, *Contracomunicação*. (pp 131-137). São Paulo: Perspectiva.
- Winnicott, D. W. (1984). Metapsychological and clinical aspects of regression within The psycho-analytical set-up. In D. W. Winnicott. *Through paediatrics to psychoanalysis*. Londres: Karnac (Trabalho original publicado em 1954).

Winnicott, D. W. (1988). Establishment of relationship with external reality. In D. W. Winnicott. *Human nature* (pp. 100-115). Londres: Karnac.

Alfredo Naffah Neto
naffahneto@gmail.com

Elisa Maria de Ulhoa Cintra
elcintra01@gmail.com